

**Eixo Temático: Inovação e Sustentabilidade em Diferentes Setores**

**ESTÁ CHOVENDO NO MOLHADO? A VISÃO ACADÊMICA SOBRE O  
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL EM UM CONTEXTO DE CRISE**

**IS IT RAINING IN THE WET? THE ACADEMIC VIEW ON SUSTAINABLE  
DEVELOPMENT IN A CONTEXT OF CRISIS**

Minelle Enéas da Silva, Ana Paula Ferreira Alves e Gabriele Volkmer

**RESUMO**

Em uma de suas crises mais recentes, entre 2007 e 2008, os problemas decorrentes da atual dinâmica do sistema capitalista evidenciam rastros marcantes nas economias de diversos países. Dessa maneira, percebe-se que o sistema deve passar por mudanças. Nesse contexto, o conceito de desenvolvimento sustentável desponta como alternativa de modelo econômico que busca vincular a dinâmica econômica às variações que podem estar relacionadas com perspectivas sociais e preocupações ambientais. Entretanto, apesar de bastante difundidas, suas definições são consideradas vagas e ambíguas. Assim, o objetivo aqui é identificar como a temática do desenvolvimento sustentável vem sendo abordada em meio ao contexto atual de crise do capitalismo. Para tanto, utiliza-se de uma perspectiva crítica sobre o que vem sendo publicado sobre a temática nos quatro últimos anos do evento Encontro Nacional de Gestão Empresarial e Meio Ambiente (ENGEMA). Como resultados, no contexto acadêmico brasileiro, identificou-se uma tendência à adequação das questões socioambientais para a manutenção do capitalismo, com a utilização muitas vezes equivocada da temática estudada. No entanto, em alguns casos, pesquisas conseguem discutir a temática mais profundamente e realizam questionamentos acerca do tema mais claramente numa perspectiva de mudança.

**Palavras-chave:** Crise do capitalismo, desenvolvimento sustentável, produção acadêmica.

**ABSTRACT**

In one of his more recent crises between 2007 and 2008, the problems arising from the current dynamics of the capitalist system show marked trails in the economies of many countries. Thus, it is clear that the system should pass changes. In this context, the concept of sustainable development has emerged as an alternative economic model that seeks to link economic dynamics variations that may be related to social perspectives and environmental concerns. However, although quite widespread, definitions of sustainable development can be considered vague and ambiguous. The objective of this paper is to identify how the issue of sustainable development has been approached amid the current context of crisis of capitalism. To do so, it uses a critical perspective on what has been published on the subject in the last four years of the event Encontro Nacional de Gestão Empresarial e Meio Ambiente (ENGEMA). As a result, in the Brazilian academic context, we identified a trend toward adequacy of social-environmental issues for the maintenance of capitalism, using the theme studied often mistaken. However, in some cases, research can discuss the subject more deeply and conduct inquiries more clearly on the subject from a perspective of change.

**Keywords:** Crisis of Capitalism, sustainable development, academic production.

## 1. Introdução

O capitalismo trouxe consigo um sistema de produção que vem agravando a degradação do planeta, desencadeando um comportamento social marcado por desperdício e consumismo exagerado de recursos. Os problemas decorrentes desse sistema evidenciam que esse modo de produção é socialmente injusto, ambientalmente desequilibrado e economicamente inviável para aqueles que não têm os requisitos para se adequar às suas pré-condições (ELKINGTON, 2001), o que pode indicar que o sistema, como um todo, passa por crises inevitáveis. Uma de suas crises mais recentes, entre 2007 e 2008, ainda deixa seus rastros pelas economias de diversos países, impactando na dinâmica econômica, na política, no mercado de cada região. Assim, é possível perceber que o sistema deve passar – e está passando – por mudanças.

A influência do capitalismo não está somente no modo como se produzir, mas também no modo de consumir, a partir do momento em que consumir mais é sinônimo de bem estar e felicidade. Um sistema mundial que predomina a riqueza de uns em razão da pobreza de todos os outros, onde poucos têm muito e muitos têm pouco, traz consigo a necessidade latente de mudança. Entretanto, não é possível acontecer mudança no padrão de consumo e no estilo de vida se não ocorrer uma mudança de valores e comportamentos – uma sublimação do valor ‘ter mais’ para o valor ‘ter melhor’. É necessário que a noção de felicidade se desloque do ‘consumir’ para o ‘usufruir’ (NASCIMENTO, 2012).

O descolamento do crescimento econômico para uma qualidade de vida, nos países desenvolvidos, reforça a ideia de que é possível viver melhor reduzindo e consumindo menos (VEIGA, 2010). Nesse contexto, o conceito de desenvolvimento sustentável desponta como alternativa de modelo econômico que busca vincular a dinâmica econômica às variações que podem estar relacionadas com perspectivas sociais e preocupações ambientais. Sua base está na discussão sobre mudanças em diferentes contextos, o que sugere a necessidade de visão pragmática e preocupação discursiva. Essas questões têm se tornado cada vez mais relevantes, levando governantes, sociedades civis e organizações a proporem diferentes medidas para a preservação dos recursos naturais e à melhoria da qualidade de vida das pessoas.

É notável que consumidores, empresas e pesquisadores acadêmicos têm adotado comportamentos mais críticos em relação à sustentabilidade, dando início a um processo de conscientização sobre a importância da preservação ambiental e envidando esforços com pesquisas e estudos para encontrar alternativas para o uso correto e sustentável dos recursos naturais. Entretanto, apesar de bastante difundidas, as definições de desenvolvimento sustentável podem ser consideradas vagas e ambíguas, predominando, na realidade, a falta de consenso sobre o seu significado (CLARO; CLARO; AMÂNCIO, 2008). Essa ideia, de acordo com Fergus e Rowney (2005), exige discussões mais profundas sobre sua viabilidade e sobre a mudança potencial no meio.

Diante dessas considerações, o objetivo desse estudo é identificar como a temática do desenvolvimento sustentável vem sendo abordada em meio ao contexto atual de crise do capitalismo, ao analisar os Anais dos quatro últimos anos do evento Encontro Nacional de Gestão Empresarial e Meio Ambiente (ENGEMA), considerando que o período é sequencial a efetivação da atual crise entre 2007 e 2008. Para tanto, utiliza-se de uma perspectiva crítica sobre o que vem sendo publicado sobre a temática. Justifica-se a realização da presente pesquisa considerando que: (a) a crise pode interferir diretamente nas discussões quanto ao desenvolvimento sustentável; e (b) o evento é exclusivo de pesquisadores sobre a temática, refletindo, portanto, o pensamento desses nesse momento.

Assim sendo, como forma de melhor compreender a proposta do artigo, o mesmo está dividido em quatro seções, além dessa introdutória. Em um primeiro momento, discute-se sobre a crise do capitalismo, o emergir do desenvolvimento sustentável e a adequação das discussões já realizadas. Em seguida, apresentam-se os procedimentos metodológicos que

nortearam o desenvolvimento da pesquisa. Além disso, apresentam-se, na seção seguinte, os dados que foram levantados e as análises para atendimento dos objetivos propostos, bem como as implicações acadêmicas das discussões realizadas. E, por fim, identificam-se as considerações finais que servem para indicar as reflexões realizadas, bem como destacar as contribuições que emergem da pesquisa.

## 2. Discussão Teórica

### 2.1 Em tempos de crise: O capitalismo sobrevive?

O capitalismo está enfrentando uma crise econômica, principalmente relacionada à incapacidade de vender o que é produzido e criar lucros – fato que indica que o sistema pode não se sustentar ao longo do tempo (ONARAN, 2010; VANDEPITTE, 2011). Seguindo essa ideia, Foster e Magdoff (2011) consideram que existe apenas uma solução possível para esta crise planetária, a chamada eutanásia do capitalismo. Para os autores, isso ocorre “substituindo-o por uma nova economia orientada para o desenvolvimento sustentável, plenitude ecológica e o cultivo da comunidade humana autêntica”. Nesse contexto, ao considerar que a crise existe e que uma alternativa é possível, o que falta para o desenvolvimento sustentável?

Marx, em sua crítica ao capitalismo, indicou que a consolidação desse sistema se deu por meio de uma revolução – no caso, a industrial. No entanto, por meio da produção de consciência individual, esse autor indica a possibilidade do emergir de nova visão. Marx pensou o capitalismo como aquele que desenvolveu as forças de produção até certo ponto, sob diferentes relações sociais, que seria possível a emancipação dos indivíduos no contexto da sociedade (EAGLETON, 2011). Portanto, se classificaria como alternativa para a situação de crise a qual se está inserido, o reconhecimento social, por meio de uma nova consciência, da necessidade de mudança no modo de produção o ponto inicial para uma revolução.

Apesar do grande entendimento acerca das condições de crise do sistema de produção adotado, tanto grandes corporações, quanto o próprio setor financeiro, vêm tentando escapar ao máximo de admitir um colapso do capitalismo (DE COCK; BAKER; VOLKMAN, 2011). Entretanto, sempre que se ouvir capitalistas falando sobre o capitalismo, é sabido que o sistema está em apuros (EAGLETON, 2011). Essa decadência não seria algo totalmente inesperado, visto que revoluções nos modos de produção ocorrem ‘periodicamente’, isto é, nenhum sistema de produção até então conseguiu perdurar indefinidamente ao longo do tempo (MANDEL, 2001). Tal fato pode ser observado em Eagleton (1997), que aponta que o capitalismo superestimou sua produção, preparando o caminho para sua própria negação.

Ao longo de sua existência enquanto preponderante modo de produção, o capitalismo vem apresentando variações (crises) que fazem parte de um sistema de produção e que muitas vezes o fortalece. Todavia, desde o verão de 2007, a economia capitalista passou a enfrentar uma grave crise sistêmica, comparável à Grande Depressão. Embora tenha sido originada nos Estados Unidos, o impacto da crise vem se refletindo em diversos países, principalmente na Europa, com grande destaque ao caso da Grécia (ONARAN, 2010). Isso evidencia a amplitude que o contexto capitalista tem sobre a sociedade e que as taxas de crescimento econômico dos países no centro do capitalismo deslocam-se em baixa velocidade (FOSTER; MAGDOFF, 2011).

O mercado mundial (bens de consumo, serviços e finanças) se subordinou, manipulou e se estruturou em favor dos principais países capitalistas (VANDEPITTE, 2011). Entretanto, como percebem Foster e Magdoff (2011), as economias capitalistas avançadas são capturadas em uma tendência à estagnação resultante dos processos de maturação industrial e acumulação monopolista. Nessa perspectiva, a diferença entre essa crise atual e comuns ciclos

econômicos que ocorrem na periferia mundial é que este tem impacto global, além de ter se originado países capitalistas centrais (ONARAN, 2010). Portanto, essa crise tem assumido um caráter mais impactante sobre todo o contexto mundial, o que diferencia a forma de se olhar para o mesmo.

Como alternativa ao processo de crise, alinhada à perspectiva de mudança e reestruturação do sistema de produção, emergem as discussões sobre o desenvolvimento sustentável. Sua ideia básica relaciona-se com uma mudança na atuação de diferentes atores da sociedade voltados para a busca por uma harmonização entre os aspectos sociais, econômicos e ambientais (WCDE, 1987). O desenvolvimento sustentável se apresenta como possível na medida em que as características individualistas estimuladas pelo capitalismo sejam direcionadas para uma visão mais coletiva (FOLADORI, 2005). Apesar de um debate mais focado na coletividade e na busca por equilíbrio e equidade na utilização dos recursos existentes, muito se discute ainda sobre a possibilidade de adequação dessa ideia ao pensamento capitalista.

Para Prothero e Fitchett (2000, p.48), “qualquer definição que usa entendimentos contemporâneos da natureza e das necessidades humanas para definir a sociedade verde não pode ser considerada distinta do modo de produção capitalista, uma vez que esses termos emergiram como parte das condições culturais do capitalismo”. Porém, para acadêmicos que discutem desenvolvimento sustentável como essência para mudança nos valores sociais, essa afirmação apresenta-se como insulto a toda discussão até então criada. A ideia correta do desenvolvimento sustentável não é trazer um novo perfil ao declínio capitalista com a mercantilização (SMITH, 2007), mas buscar o emergir de nova visão que, de certo modo, pode ser visualizado a partir da produção de consciência.

Mesmo com esse pensamento, tem-se realizado ações contra os preceitos básicos dessa nova forma de se ver o sistema produtivo, como é o caso do mercado de carbono. Muitos ainda veem os mercados de carbono como uma ferramenta viável para lidar com as mudanças climáticas, não por meio de uma mudança de visão, mas considerando-o como uma forma de reinventar o capitalismo, através de práticas de ‘esverdeamento’ do que vem sendo até então praticado. Existem evidências que mostram as recentes práticas ‘verdes’ financiadas por esses mercados de carbono, que são ditas projetadas no sentido do desenvolvimento sustentável, podem ser consideradas como patologia capitalista (BÖHM; MIZOCSKY; MOOG, 2012). Continua-se com o estabelecimento de novas áreas para o capitalismo (SMITH, 2007).

Ao contrário do que aponta Onaran (2010) sobre o desenvolvimento sustentável (que esse visa à necessidade de crescimento zero ou baixo para as economias de países desenvolvidos), o que esse realmente apresenta é a necessidade de reestruturação nos modos de produção e nas relações de consumo, para que se possa haver melhor articulação na sociedade. Esse conceito é apresentado por Hopwood, Mellor e O’Brien (2005), no momento em que os autores indicam diferentes abordagens para o desenvolvimento sustentável, a partir de um sentido transitório, no qual não se deve manter o *status quo*, como muitos pregam (o caso do ‘esverdeamento’ do capitalismo), mas sim buscar uma transformação maior, com a utilização de novas lentes e nova consciência.

É nesse sentido que se trabalha a visão de uma longa transição na sociedade para uma nova perspectiva (ONARAN, 2010), argumentando-se que a produção de consciência surge como o ponto inicial para esse processo de mudança. Essa produção está alinhada ao que Marx (1980) indicou sobre a necessidade de envolvimento dos indivíduos por meio de suas relações sociais, estimulando um pensamento alternativo, não voltado para um contexto de socialismo ou comunismo, mas que pudesse ser utilizado para uma mudança focada no desenvolvimento sustentável.

## 2.2 Desenvolvimento Sustentável: um novo modelo

As transformações que vêm sendo observadas em diferentes âmbitos no mundo são resultantes das práticas produtivas e do alto consumo da população e estão gerando tanto uma redução na capacidade de carga do planeta, como grandes impactos sobre os recursos naturais. Para uma melhor atuação do ser humano no meio, novas perspectivas socioeconômicas, tecnológicas, políticas e ambientais devem estar em consonância com as discussões que vêm sendo desenvolvidas para melhorar a qualidade de vida da sociedade (BUARQUE, 2008). Dessa maneira, são incentivados a conservação e melhora das bases de recursos naturais, a reorientação da tecnologia, além da fusão de ambiente e economia em um processo de decisão para que haja um equilíbrio entre os benefícios coletivos (WCDE, 1987).

Essas mudanças que são observadas mostram que a atual prática de desenvolvimento visa à evidenciação do capital econômico em relação aos capitais social e natural (HAWKEN; LOVINS; LOVINS, 1999). Tal fato ocorre tendo em vista a miopia sobre a abundância de recursos. Nesse sentido, torna-se visível que o maior desafio, atualmente, é transformar o crescimento econômico capitalista em um modelo de desenvolvimento sustentável (DS) (BROWN, 2003; CANEPA, 2007), no qual as atitudes individualistas devem ser modificadas e direcionadas para questões coletivas com as mudanças nos valores humanos (NORTON, 2007). Todavia, apesar dessas considerações, Elkington (2001) indica que o capitalismo e a sustentabilidade não compõem uma fácil aliança, o que sugere a necessidade de novos elementos para esse paradigma emergente.

A mudança no modelo de desenvolvimento consegue designar ao mesmo tempo o surgimento de subsídios para a sobrevivência humana no meio, bem como um novo enfoque de planejamento e gestão, no qual as práticas atuais redirecionam suas ações para questões mais amplas e coletivas demonstrando um diferente papel a ser praticado pelos atores envolvidos (SACHS, 2008). A referida mudança sugere uma nova visão de todos os *stakeholders*, no sentido de alteração das práticas adotadas que haja compreensão, incorporação e atitudes mais amplas como condição essencial para que os indivíduos entendam e percebam os resultados positivos dessas transformações (BUARQUE, 2008; CANEPA, 2007).

Nesse novo contexto, o conceito mais difundido para desenvolvimento sustentável foi definido no Relatório de *Brundtland*, no qual é entendido como “um processo de mudança em que a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional estão todos em harmonia” para que as necessidades humanas possam ser satisfeitas atualmente e no futuro (WCDE, 1987, n.p.). Para tanto, entende-se como necessária a busca pela harmonização entre as dimensões básicas do desenvolvimento sustentável, quais sejam: a econômica, a social e a ambiental (SACHS, 2007; VAN BELLEN, 2005), de maneira que seja possível a prática de diferentes papéis sociais por vários atores na sociedade.

Ao ser entendida como uma questão ampla é notável, a necessidade de que toda a sociedade se envolva em harmonizar as dimensões fundamentais do desenvolvimento sustentável de modo que se consiga usufruir os recursos necessários da melhor maneira possível para a continuidade tanto das gerações atuais como das futuras, no atendimento de suas necessidades. Tal fato é citado por Buarque (2008), como a solidariedade intra e inter geracional, respectivamente. Para tanto na Agenda 21, documento resultante da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – conhecida popularmente por Eco-92 – estão dispostas ações que devem ser tomadas por diferentes atores sociais, dentre os quais se podem identificar os governos, as empresas e a outros atores da sociedade organizados em grupos ou por meio de atuação individual (CNUMAD, 1992).

### **2.3 Adequação ao contexto e estudos já publicados: uma visão macro**

Em seu debate sobre o significado do constructo desenvolvimento sustentável, Fergus e Rowney (2005) fazem uma discussão em torno da origem e da essência que os conceitos que acompanham essa temática assumem no contexto social. Para tanto, os autores trazem como questionamentos: O desenvolvimento sustentável é uma epistemologia inclusiva fundada na ética e no valor real? Esta epistemologia, incorporada nas culturas, traz adicionais para as organizações, ou se tornou um slogan usado na linguagem dos negócios, sem qualquer significado real? Conforme os estudiosos é necessário que haja uma mudança no paradigma científico-econômico como um todo, para que o entendimento do desenvolvimento sustentável possa ser melhor realizado.

Essa discussão é apresentada também por Lélé (1991), quando o autor indica sob uma perspectiva crítica as contradições existentes inerentemente à temática, bem como os debates que são realizados. Sem a consideração do conceito literal, ecológico e social, torna-se preocupante a discussão sobre desenvolvimento sustentável. Nas últimas décadas, o modelo de desenvolvimento capitalista tem buscado incorporar à sua dinâmica às discussões sobre o desenvolvimento sustentável, a partir da criação de mecanismos como o mercado de carbono, mencionado anteriormente. Baseado nessa noção considera-se existente a crise capitalista, o que traz a fundamentação para melhor entendimento da contribuição acadêmica.

Existem muitos artigos que buscam identificar o que se estuda sobre desenvolvimento sustentável ou sustentabilidade (GALLON et al., 2007; JUNQUEIRA; MAIOR; PINHEIRO, 2011; MACHADO JR.; SOUZA; RIBEIRO, 2012; OLIVEIRA; MARTINS; LIMA, 2010; PEREIRA et al., 2011; SILVA et al., 2011; VARANDAS JR.; MIGUEL; CARVALHO, 2011; VELTER et al., 2010). A maioria desses trabalhos tem focado em uma perspectiva bibliométrica, que apresenta como essência a identificação quantitativa de determinados aspectos em diferentes estudos, os quais podem envolver a quantidade de palavras e expressões de trabalhos, os principais autores e co-autores, a quantidade de estudos de determinada temática (ARAÚJO, 2006).

No entanto, para o desenvolvimento dessa pesquisa optou-se por uma perspectiva crítica, uma vez que, de acordo com Junqueira, Maior e Pinheiro (2011), os balanços críticos contribuem para a compreensão de uma área do conhecimento, no caso, o desenvolvimento sustentável. De tal modo, busca-se considerar a profundidade e as fragilidades dos trabalhos publicados no evento selecionado, considerando a temática escolhida para estudo, sem que haja minimização das contribuições que foram originadas por cada trabalho em sua especificidade. Diante dessas considerações, a seguir são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa.

### **3. Procedimentos Metodológicos**

Com o objetivo de identificar como a temática do desenvolvimento sustentável vem sendo abordada em meio ao contexto atual de crise do capitalismo, a presente pesquisa foi realizada com caráter exploratório a partir de duas etapas distintas. Em um primeiro momento, houve o levantamento quantitativo dos trabalhos que podem ser considerados como universo de pesquisa. Em seguida, sob uma abordagem qualitativa, analisou-se o alinhamento dos conceitos apresentados na amostra selecionada com a essência do desenvolvimento sustentável. Assim sendo, a complementaridade entre os métodos de pesquisa fornecem maior robustez para a compreensão de dado fenômeno (CRESWELL, 2010).

Diante desse contexto, considera-se que essa pesquisa tem inspiração bibliométrica à medida que, segundo Araújo (2006), esse estudo pode ser utilizado como indicador da produção científica de determinado assunto. Não se considera a pesquisa como bibliométrica,

visto que, inicialmente, limitou-se a realizar um levantamento dos trabalhos publicados em determinado período, o que foi complementado por uma análise crítica dos trabalhos publicados com a temática do desenvolvimento sustentável. Com isso, pode-se identificar qual o posicionamento efetivo do atual discurso acadêmico sobre a temática.

A partir dessa noção, considera-se como universo da pesquisa os trabalhos publicados nos quatro últimos anos no Encontro Nacional de Gestão Empresarial e Meio Ambiente – ENGEMA, evento específico para a área da sustentabilidade. Foram identificados estudos publicados: em 2008 – 167 artigos; em 2009 – 129 artigos; em 2010 – 255 artigos; e em 2011 – 215 artigos, o que totaliza um universo de 766 artigos sobre a temática. No entanto, deve-se salientar que os artigos publicados no ENGEMA de 2009 não foram identificados em sua totalidade, pois os mesmos estão apresentados na *web* de forma aleatória, o que dificultou sua coleta pelos pesquisadores.

Com os artigos levantados, iniciou-se a identificação de quais possuíam algum direcionamento para a temática do desenvolvimento sustentável. Para tanto, foram analisados os títulos e os resumos de todos os trabalhos utilizando como palavras-chave para a pesquisa os termos: Desenvolvimento Sustentável e Sustentabilidade. Assim, foram identificados: em 2008 – 65 artigos; em 2009 – 48 artigos; em 2010 – 87 artigos; e em 2011 – 94 artigos, os quais são tidos como nossa amostra de análise de 294. A partir de tal levantamento, utilizou-se uma perspectiva crítica para identificar quais seriam aqueles artigos que de fato focam o desenvolvimento sustentável.

Em seguida, utilizaram-se filtros que facilitassem uma nova seleção dos artigos. Tal filtragem considera a profundidade da temática, a qual poderia ter: a essência da sustentabilidade, o foco em uma parte da temática, o foco organizacional, ou, ainda, assumir técnicas e ações que mais buscam ‘esverdeamento’ do capitalismo do que a temática. Assim, a análise de conteúdo realizada focou os trabalhos voltados para a essência da sustentabilidade, a qual se baseou na perspectiva teórica de Bardin (2009). A autora considera possível extrair dos dados analisados as principais contribuições para o tema de estudo e a temática selecionada. Ressalta-se que, para evitar interpretações errôneas, foca-se no valor relativo de cada categoria que facilita a comparação entre os anos.

#### **4. Resultados e Discussões**

Para o desenvolvimento das análises, optou-se por seguir dois caminhos. Inicialmente, considerando que foram analisados todos os trabalhos publicados nos últimos anos no evento, realiza-se uma discussão sobre o que existe de produção nas diferentes áreas. Desse modo, fica mais claro o que os acadêmicos estão focando e como se posicionam no contexto atual. Em seguida, como forma de atender ao objetivo de pesquisa proposto, realiza-se uma discussão sobre como o desenvolvimento sustentável vem sendo abordado. Isso é possível a partir de uma reclassificação dos artigos que lidam com a temática. Com tal organização, são então discutidos os discursos e as práticas sobre a temática.

##### **4.1 O que existe de produção nesse período?**

Como forma de identificar o que se tem publicado no ENGEMA em meio a esse período de crise no capitalismo, o Quadro 01 representa quais foram as principais discussões realizadas. Como se pode observar, os temas selecionados dão destaque às temáticas que mais aparecem nos trabalhos analisados. Vale ressaltar que, no ano de 2009, a categoria Outros abarca tanto os trabalhos sobre temáticas diversas como àqueles que foram apresentados em modalidade pôster – o que não foi considerado no momento das análises, visto que se torna difícil considerar o que os autores buscam passar em tão poucas palavras.

Temas	2008		2009		2010		2011	
	Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%
<b>Desenvolvimento Sustentável</b>	65	38,72	48	37,21	87	34,11	94	43,72
<b>Gestão Ambiental</b>	21	12,5	12	9,3	32	12,54	20	9,3
<b>Responsabilidade Social-Ambiental Corporativa</b>	20	11,9	11	8,53	19	7,46	24	11,16
<b>Marketing e Ambiente</b>	6	3,58	3	2,33	11	4,31	8	3,72
<b>Esverdeamento do Capitalismo</b>	11	6,49	8	6,2	28	10,98	12	5,58
<b>Foco Ambiental</b>	16	9,52	15	11,63	30	11,77	21	9,77
<b>Resíduos Sólidos</b>	13	7,74	6	4,65	19	7,46	9	4,19
<b>Educação Ambiental</b>	4	2,39	2	1,55	3	1,18	5	2,33
<b>Contabilidade Social-Ambiental</b>	6	3,58	4	3,1	15	5,88	10	4,65
<b>Outros</b>	6	3,58	20	15,5	11	4,31	12	5,58
<b>Total</b>	168	100%	129	100%	255	100%	215	100%

Quadro 01: Quantidade Absoluta e em percentual dos resultados encontrados

Os dados apresentados no Quadro 01 demonstram de forma relativa (em %) a existência de uma linearidade nas temáticas selecionadas para discussão. Como se percebe, pode-se dar maior destaque para o ano de 2010, pela maior concentração de artigos publicados, trazendo a oportunidade de que discussões diferentes sejam realizadas. Assim, como forma de melhor visualizar esses dados, apresenta-se no Gráfico 01, o panorama de publicações ao longo dos anos analisados.

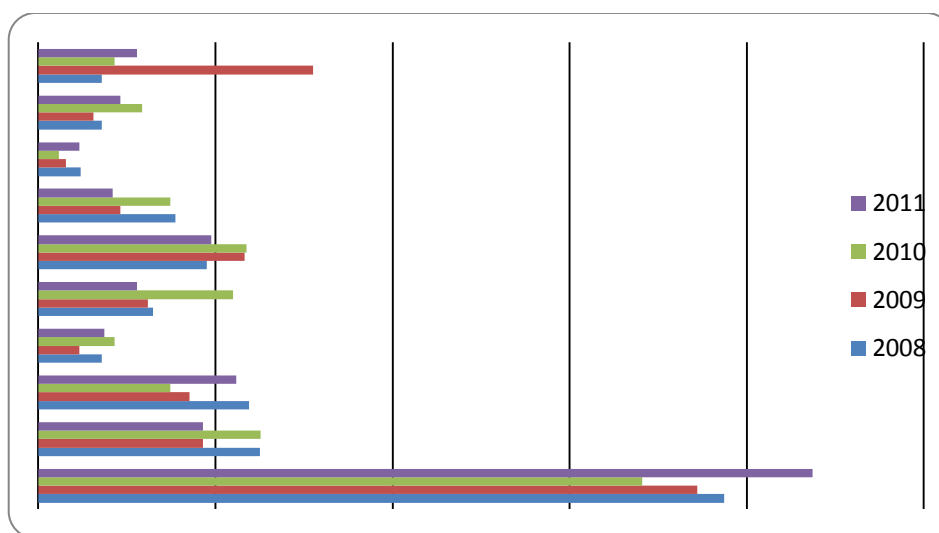


Gráfico 01: Evolução da produção acadêmica analisada

Realizando uma observação do Gráfico 01, identifica-se um direcionamento maior de estudos focados no desenvolvimento sustentável. No entanto, em meio a esses trabalhos, estão artigos que vão desde ações operacionais e ideológicas desse modelo de desenvolvimento, até discussões focadas na gestão organizacional. É esse segundo ponto que se busca evitar. Fergus e Rowney (2005) discutem que muito do que vem sendo discutido sobre a temática tem sido incorporado ao mundo dos negócios como equiparado. Apesar dessa visão, existem outras nomenclaturas que podem ser utilizadas nesse sentido, como Responsabilidade Social e Ambiental, por exemplo. Falar de desenvolvimento sustentável é lidar com uma perspectiva



social complexa que não se limita um único contexto sociedade. Logo, observa-se a discussão a seguir com pertinente.

#### 4.2 Houve evolução sobre o tema desenvolvimento sustentável?

Para considerar o discurso acadêmico sobre a temática selecionada, utiliza-se a visão de evolução do tema (RIBEIRO; CORRÊA, 2012). Como se observa no Quadro 02, o maior foco dado aos trabalhos sobre desenvolvimento sustentável ou sustentabilidade está no foco organizacional e na criação de técnicas e ações para o ‘esverdeamento’ do capitalismo. O que se tem atualmente nas discussões acadêmicas é uma permanência do *status quo* (HOPWOOD; MELLOR; O’BIEN, 2005), a qual não tem como ambição um novo posicionamento coletivo voltado para novos valores, mas buscando soluções práticas para a incorporação de um novo tema ao mesmo paradigma econômico-científico (LÉLÉ, 1991).

Desenvolvimento Sustentável	2008		2009		2010		2011	
	Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%
Essência do tema	20	30,77	8	16,67	10	11,49	15	15,96
Análise por partes menores (ex. dimensões)	6	9,23	5	10,42	16	18,39	18	19,15
Foco organizacional	28	43,08	14	29,16	29	33,33	35	37,23
Técnicas e ações para esverdeamento do capitalismo	11	16,92	21	43,75	32	36,79	26	27,66
Total	65	100%	48	100%	87	100%	94	100%

Quadro 02: Quantidade Absoluta e em percentual dos artigos sobre desenvolvimento sustentável

A partir dos dados e das considerações realizadas anteriormente, o ano de 2010 tem um maior destaque. Ressalta-se que esse foi o ano com maior foco em técnicas para ‘esverdeamento’ do capitalismo, com maior destaque quando se aborda mercado de carbono, por exemplo, porque o foco e temática do evento como um todo trouxe a discussão sobre esse tipo de mercado. Além disso, vale evidenciar a existência de trabalhos que focam a análise de partes menores da temática, como o foco na dimensão ambiental e ações individuais. Tal perspectiva pode estar relacionada com uma visão mais coletivizada, mas a utilização do termo em si apresenta-se equivocado.

Apesar dessa visão mais crítica, percebe-se que em vários dos trabalhos que lidam com a essência do desenvolvimento sustentável existe uma discussão sobre os pilares que norteiam sua existência enquanto discussão acadêmica focada em um modelo alternativo, bem como formas, mesmo que incipientes, de visões que incitam um novo posicionamento, mais operacional, dessa temática. De forma ampla, inicialmente, o que se observa é a disseminação do conceito apresentado pelo Relatório *Bruntland*, que traz a discussão sobre a utilização dos recursos com preocupação em atender as necessidades das gerações atuais e futuras, na busca por qualidade de vida e bem estar social (WCDE, 1987). Tal pensamento é apresentado nos seguintes fragmentos selecionados nos artigos analisados que representam esse conceito:

*Desenvolvimento Sustentável como aquele que atende as necessidades do presente sem comprometer as possibilidades das gerações futuras de atenderem suas próprias necessidades.*

*[...] conceito que trata especificamente de uma nova maneira de a sociedade se relacionar com seu ambiente de forma a garantir a sua própria continuidade e a de seu meio externo.*

*Desenvolvimento Sustentável é um processo de transformação no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional se harmonizam e reforça o potencial presente e futuro, a fim de atender às necessidades e aspirações futuras.*

*Esta formulação [do Relatório Bruntland], apesar de imprecisa e vaga, desencadeou muitas propostas de ação, provocando a adesão de um conjunto amplo de atores das mais variadas concepções ideológicas.*

*Mesmo não sendo esse conceito isento de críticas, este foi um importante passo dado no sentido de alertar o mundo da existência de problemas que devam ser solucionados deseja-se que as novas gerações consigam viver dignamente.*

Com essa visão, percebe-se que esse discurso está disseminado na academia e que não está atrelado apenas a uma ideologia, mas como se observa no terceiro fragmento, por exemplo, já recebe novas discussões que visam melhor operacionalizar o desenvolvimento sustentável. Além dessa perspectiva mais real da temática, existem outras formas de discussão que envolve a ideia de dimensões da sustentabilidade. Dentre os precursores dessa noção, Ignacy Sachs sempre recebe destaque e menção nos trabalhos analisados, ao considerar a necessidade de diferentes contextos a serem analisados. Vale ressaltar a certa limitação dada ao pensamento de Sachs, visto que, para o autor, deve haver equilíbrio entre tais dimensões.

Numa perspectiva pragmática, considera-se a necessidade de harmonia entre essas dimensões, ao se considerar utópico a utilização do jargão equilíbrio (SILVA; COSTA; GÓMEZ, 2011, p.77). Segundo os autores, “o equilíbrio é utópico, haja vista que somente poderia ser atribuída tal definição se houve uma compensação igualitária em relação às dimensões ambiental e social e os resultados obtidos na dimensão econômica”. De certa forma, esse parece ser o posicionamento dos acadêmicos na temática, o ceticismo quanto ao equilíbrio, mas a consideração de interações entre essas diferentes dimensões. Com essa ideia, seguem trechos dos trabalhos analisados que representam essa visão.

*O conceito de desenvolvimento sustentável tem, é claro, limites – não limites absolutos, mas limitações impostas pelo estágio atual da tecnologia e da organização social, no tocante aos recursos ambientais, e pela capacidade da biosfera de absorver os efeitos da atividade humana.*

*[...] o desenvolvimento sustentável deve ser entendido como bem mais do que um novo paradigma de desenvolvimento, no qual a ideologia de uma sociedade equitativa, um ambiente equilibrado e uma economia eficiente são os aspectos que norteiam os princípios essenciais definidos.*

*Na busca por um novo modelo de desenvolvimento sustentável torna-se necessário o reconhecimento da diversidade dessa estrutura através das múltiplas dimensões da sustentabilidade e os objetivos distintos que orienta os modos de vida da sociedade.*

*Surge de uma relação harmônica do homem com a natureza, como centro de um processo de desenvolvimento que deve satisfazer às necessidades e aspirações humanas. [...] o conceito de desenvolvimento sustentável, tornando as questões ambientais e de desenvolvimento indissoluvelmente ligadas.*

*[...] como um desenvolvimento preocupado não somente com aspectos econômicos, mas também com as condições sociais particulares dos povos e com a capacidade de exploração dos recursos naturais.*

*Por tratar de uma concepção de desenvolvimento multifacetada, envolvendo questões econômicas, ambientais, sociais, culturais e políticas, o esperado é o aumento das dificuldades, o que alimenta o ceticismo de muitos.*

*Um dos desafios da construção do desenvolvimento sustentável é o de criar instrumentos de mensuração que associem variáveis de diversas esferas, revelando significados mais amplos sobre os fenômenos aos quais se referem.*

*[...] [Surge, assim,] metodologias capazes de gerar informações acerca dessa nova forma de desenvolvimento, são os chamados Sistemas de Indicadores de Sustentabilidade.*

*[...] embora o desenvolvimento sustentável venha sendo encarado como uma meta a ser alcançada por muitos governos nacionais, a tarefa de se medir a sustentabilidade têm se estendido também a uma cidade, a um setor ou a um negócio.*

Como se observa, o discurso apresenta-se como alinhado e preocupado com as condições que são apresentadas pelos contextos social e ambiental. Adverte-se que os últimos fragmentos discorrem sobre indicadores e ferramentas de análise da sustentabilidade. Essa tem sido uma das principais preocupações acadêmicas atualmente, em operacionalizar, mensurar, evidenciar quais são impactos humanos no meio, em busca de possíveis soluções e posicionamento por parte de toda a sociedade. Nesse sentido, é válido o estudo sobre indicadores de sustentabilidade organizacional, no entanto sem buscar passar a ideia macro inerente à temática e as noções do desenvolvimento sustentável.

Além dessas discussões, existe uma discussão mais profunda para alguns autores (FERGUS; ROWNEY, 2005; FOLADORI, 2005; HOPWOOD; MELLOR; O'BRIEN, 2005; etc.) que trazem a ideia de desenvolvimento sustentável voltada para uma perspectiva de mudança. Tal mudança não foca aspectos simples e fáceis de serem alcançado, e está embasada em um contexto macro, considerando o sistema de desenvolvimento e os modos de produção e consumo como um todo. Fala-se em uma mudança paradigmática, de uma visão econômica-científica para uma sustentável (LÉLÉ, 1991). Esse sustentável é considerado a partir de uma perspectiva coletiva, na qual novos posicionamentos e ações sociais são trabalhados. Esse pensamento pode ser verificado nos fragmentos a seguir analisados.

*As concepções sobre desenvolvimento sustentável demandam mudanças profundas nas relações homem/natureza. Assim, há uma interessante emergência de novas abordagens, das quais algumas conflitam e outras aceitam co-existir, porém numa perspectiva de avanços e mudanças de visões e práticas.*

*[...] o processo de mudança do paradigma cartesiano para o paradigma da sustentabilidade “está em andamento e envolve todas as áreas do pensamento e da ação humana”.*

*[...] paradigma de sustentabilidade emerge como aquele que deve partir da crítica do conhecimento existente, e evoluir do mono culturalismo ao multiculturalismo de tal forma que o domínio global da ciência moderna não possa silenciar os outros saberes, e assim, emancipe-se um conhecimento que consiga discernir a objetividade da neutralidade.*

*[...] as mudanças paradigmáticas que vão orientando as atividades humanas e a evolução do entendimento conceitual acerca do desenvolvimento sustentável são questões que estão imbricadas.*

*[...] mudança de paradigma quanto à natureza do relacionamento da sociedade com o meio ambiente.*

*[...] a proposta de uma nova perspectiva de se observar o mundo, visto que a visão atual revela um comportamento inadequado para se que se alcance o desenvolvimento sustentável, comprometendo as gerações futuras.*

Então, como se constata, existem autores que percebem a necessidade da mudança. No entanto, esse deveria ser um pensamento mais disseminado para todos aqueles que fato trabalham com a temática. Não se quer com isso indicar que as discussões realizadas sejam dispensáveis ou desnecessárias, mas que as mesmas necessitam ir mais fundo nas suas propostas. É sabido a dificuldade de no atual contexto lidar com essa visão ideológica num primeiro momento, até porque as pressões externas e mercantilizadas (mesmo na academia) criam barreiras para isso, mas se considera que o processo de mudança deve ocorrer agora em uma fase de crise, pode-se criar um embasamento maior dessa proposta considerando as variações existentes no modelo apregoadado. Salienta-se que esse é um processo lento, mas que deve ser contínuo e profundo em sua finalidade.

Assim, o que se verifica na quase totalidade dos artigos é o processo de construção teórica ao qual o tema está submetido, faltando aprofundamento teórico em alguns sentidos. Nessa perspectiva, de forma clara ainda, existem artigos que focam a sustentabilidade como um aspecto de continuidade de ações e práticas no meio, focando num contexto de sustentação, o que distorce a ideia essencial da temática. Isso foi verificado, especialmente,

em um dos artigos analisados ao se discutir a questão do auto-sustentar, de aspectos que norteiem as ações de determinada localidade. Para que essa mudança seja possível, um dos caminhos identificados é a mudança no contexto educacional de toda a sociedade.

Verifica-se que os pesquisadores mais voltados para uma perspectiva de mudança mais profunda se preocupam com uma educação para a sustentabilidade, principalmente no campo da Administração, que seria base para a efetivação dos conceitos nas ações e práticas do cotidiano da sociedade e nas organizações. Tal fato pode ser explicado uma vez que o campo de estudo é o da gestão, mas existe um movimento em diversos campos do conhecimento voltados para a inserção de aspectos da sustentabilidade em diferentes níveis da formação educacional. No que se refere ao pensamento no campo da Administração, os seguintes fragmentos começam a representar o que os autores têm escrito sobre a temática:

*A formação de administradores com pressupostos orientados pela sustentabilidade exige novas propostas pedagógicas interdisciplinares em que a visão integrada, sistêmica, holística substitua os projetos pedagógicos disciplinas que privilegiam o processo de compreensão do aluno sobre sua realidade de forma fragmentada.*

*[...] a ideia aqui proposta de sustentabilidade implica na premissa de que é preciso definir limites às possibilidades de crescimento de determinada sociedade, delineando um conjunto de iniciativas que levem em conta a existência de interlocutores e participantes sociais relevantes e ativos, reforçando a corresponsabilidade e a constituição de valores éticos.*

Como se averigua, são mudanças no processo educacional que tratam de novos valores e comportamentos, mas éticos e preocupados com o impacto em toda a sociedade. É outro ponto que se apresenta difícil. As mudanças propostas são muito profundas. Fazendo uma analogia com a proposta de mudança apresentada por Marx, é necessária a produção de consciência coletiva, uma mudança em diferentes níveis, com vários caminhos. Com o que se observou até então, está havendo um direcionamento maior de pesquisas voltadas para a preocupação com o impacto do homem no ambiente, o que é tido como o ponto inicial para a mudança. Deve-se buscar uma transformação, um novo posicionamento de diferentes atores na sociedade para que haja harmonia entre diferentes dimensões, mudanças profundas e preocupação com o atendimento das necessidades das gerações atuais e futuras.

## **5. Implicações acadêmicas**

A sociedade como um todo tem passado por mudanças em diferentes contextos, as quais influenciam os comportamento dos indivíduos, das empresas e, como não falar, dos acadêmicos e pensadores do contexto social. Muitos se mostram céticos com as mudanças, outros otimistas com o que pode vir, mas o que pode vir? Não existem respostas definidas, mas discussões. O que se sabe de fato é que o capitalismo não terá uma mudança radical imediata, no entanto as discussões podem começar a considerar a possibilidade de mudança para um novo modelo de desenvolvimento e de negócios. Além disso, pode-se considerar que o paradigma atual vive em profunda crise e a sustentabilidade se definirá o sucessor, capaz de resolver o complexo dilema entre as dimensões da sociedade (CARREIRA, 2011).

Apesar dessa noção, pode-se discutir na academia questões mais essenciais. Seria o termo ‘desenvolvimento sustentável’ o mais correto de ser utilizado? De forma segmentada e aproximada, os termos desenvolvimento e sustentável individualmente trazem preconceitos e significados que podem confundir aqueles que discutem a temática. Essa mesma inquietação pode ser verificada nos trabalhos de Lélé (1991), Fergus e Rowney (2005), Foladori (2005), Barbieri et al. (2010), dentre outros, que mostram o quão difícil e necessária é a discussão sobre a temática. Constata-se que, nesse caso, o posicionamento acadêmico precisa se tornar

mais crítico quanto ao que é discutido, visto que os embasamentos e as deliberações sobre a temática ainda não possuem uma clara consolidação.

Dessa maneira, espaços massificados para a discussão devem ser mais bem utilizados e explorados por aqueles que discutem acerca da temática. Isso se torna possível com um processo de maior participação coletiva e envolvimento social. Ocorreu em 2012, a Conferência Rio+20, no entanto, o que se viu no evento foi a concentração de decisões na mão de poucos, sem considerar, por exemplo, as discussões paralelas realizadas na Cúpula dos povos. São questões como essa que devem ser melhor observadas. Quanto aos eventos acadêmicos, tem ocorrido uma tendência em inserir a temática nas discussões, um avanço com relação ao que acontecia até então, e isso deve ser considerado por toda a comunidade acadêmica como positivo e favorável a um novo direcionamento dos trabalhos realizados.

Em sentido contrário a essa tendência, a decisão de criar o Encontro Nacional de Gestão Empresarial e Meio Ambiente – ENGEMA, já surgiu como um marco para os estudos sobre a temática no Brasil. Foi uma iniciativa que merece menção e destaque como aspecto que contribui para as evoluções sobre a temática. Entretanto, como inserido no próprio nome do evento o foco tem sido observado, a partir do que foi identificado nessa pesquisa, está voltado para o posicionamento empresarial nesse contexto. Sabe-se que as empresas têm papel de extrema importância na sociedade, todavia estão imersas num paradigma tecnológico e econômico de lucro extraordinário à todo custo, em sua maioria, não conseguem melhor se posicionar nas discussões sobre a temática.

Existem muitos exemplos de empresas que estão assumindo novas posições e ações no mercado, o que é observado na incorporação de uma visão estratégica sobre a temática. Porém, tais empresas ainda recebem muitas desconfianças sobre suas motivações e pretensões na sociedade. Uns falam ser impossível empresas se posicionarem nesse sentido, outros já comentam que existe essa possibilidade. O que não deve haver nas discussões sobre a temática é sempre a consideração de uma Teoria da Conspiração, na qual todas as intenções são desfavoráveis e todos estão apenas numa perspectiva calculista de suas ações. Para que a mudança possa vir a ocorrer, precisa-se de compromisso e responsabilidade compartilhada por todos os atores da sociedade, no sentido de uma mudança coletiva.

Assim, as temáticas no campo da Administração devem continuar com o foco na mudança, mas aos poucos devem ir se direcionando para esse novo modelo de desenvolvimento. Utilizar técnicas e ações para esverdear o capitalismo, como o mercado de carbono, a produção mais limpa e outras ações, devem ser transformadas para preocupação com a redução de emissão do CO<sub>2</sub> (ao invés de querer mercantilizá-lo), bem como novas práticas iniciais de produção que não precise dessa “limpeza” em sua operacionalização. Com isso, novas discussões serão realizadas e novos comportamentos incorporados. De tal modo, a área desse campo que mais necessita dessas discussões é a de Teorias Organizacionais, uma vez que lida com processos de interações das organizações com a sociedade.

## **6. Considerações finais**

A discussão sobre crise do capitalismo tem trazido muitas inquietações em diferentes instâncias em todo o mundo. São muitos os atores e aqueles que se posicionam a favor de mudanças ou no sentido de encontrar bases e estímulos para a continuidade do sistema. No contexto acadêmico brasileiro, identificou-se uma tendência à buscar adequar as questões socioambientais para a manutenção do capitalismo. No entanto, foram identificadas, em alguns casos, pesquisas que realizam suas discussões de maneira mais profunda e realizam questionamentos mais claramente. Considera-se, no entanto que não é que essa visão esteja errada, mas os avanços atuais estão focados mais no ‘esverdeamento’ do capitalismo do que na evolução de discussões que foquem a perspectiva de mudança e reestruturação do sistema.

Com todas as discussões realizadas, percebe-se que o artigo atendeu ao seu objetivo de analisar criticamente os trabalhos publicados em um evento com foco em questões sustentáveis, observando de fato o panorama existente sobre a temática. O que se percebe é que não necessariamente se está chovendo no molhado nas discussões acadêmicas, mas elas estão desvirtuadas da possibilidade de contribuição, mesmo que ideológica e paradigmática, de um pensamento alternativo às pressões e implicações sobre o meio. Ou seja, elas se mostram pouco suficientes para se falar em uma mudança mais estrutural.

Apesar dessa noção, a tendência tem sido modificada para o entender dessa questão de forma mais profunda. O trajeto ainda é longo, mas o fato existe. Os maiores pensadores do mundo estão se voltando para discussões mais profundas. O evento *Academy of Management*, realizado nos Estados Unidos, é considerado aquele que normatiza o que se estuda no campo da Administração. Pois bem, sua temática para o ano de 2013 é o questionamento do capitalismo. Ora, se até mesmo aqueles que fazem parte do *mainstream* acadêmico estão considerando e questionando o atual sistema de produção, mesmo sem se saber até que ponto isso é fidedigno, será que um aprofundamento sobre o desenvolvimento sustentável, enquanto uma visão alternativa, não será realizado?

Diante desses questionamentos, deve-se buscar uma visão mais qualificada do que se tem sobre o mundo almejado. Como citado no começo dessa discussão, deve-se buscar ‘ter melhor’ e ‘usufruir’, do que de fato impactar inconsequentemente o meio e as demais comunidades como um todo. Nota-se que a sociedade está no caminho, mas ainda existe uma boa trajetória pela frente para que se possa focar em uma mudança do paradigma. Se as discussões vão chover no molhado ou ter um caminho de sol pela frente, só a possibilidade de entendimento ao longo de todo o trajeto. Com isso, no momento em que surgem os raios do sol e essa chuva se torna fraca na construção dessa nova visão, no fim do arco-íris que se cria, é possível que se encontre o pote de ouro, no qual tudo o que deseja ali se encontra.

Com essa visão, assume-se que o limite para a realização da pesquisa teve como foco o estudo do desenvolvimento sustentável em essência de sua intenção enquanto valor social, procurando ter cuidado com os desdobramentos e abduções que foram realizados pelo atual modelo de desenvolvimento. Assim, toma-se como limitação da pesquisa e análises realizadas o viés dos pesquisadores na realização de suas análises, o que pode estar alinhado aos seus pressupostos ontológicos e perspectivas epistemológicas quanto ao entendimento da temática. Diante dessa visão, propõe-se uma evolução sobre essas discussões à medida que trabalhos futuros consigam observar nuances aqui não identificadas e a realização de novas pesquisas críticas sobre outros temas que podem estar contribuindo com a mudança almejada.

## Referências

- ARAÚJO, C. A. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em questão**. V. 12, n. 1, p. 11-33. 2006.
- BARBIERI, J. C.; VASCONCELOS, I. F. G.; ANDREASSI, T.; VASCONCELOS, F. C. Inovação e Sustentabilidade: Novos modelos e proposições. **Revista de Administração de Empresas – RAE**. V. 50, n.2, p.146-154. 2010.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 4ª ed. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BÖHM, S.; MISOCZKY, M. C.; MOOG, S. *Greening Capitalism? A Marxist Critique of Carbon Markets*, *Organization Studies*, 33 (11), 2012.
- BROWN, L. **Eco-economia**. EPI - Earth Policy Institute / UMA - Universidade Livre da Mata Atlântica. 2003. Disponível em: <[http://www.ethos.org.br/\\_Uniethos/Documents/livro.pdf](http://www.ethos.org.br/_Uniethos/Documents/livro.pdf)>. Acesso em: abr. 2012.

- BUARQUE, S. C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. 4a. Ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- CANEPA, C. **Cidades sustentáveis: o município como lócus da sustentabilidade**. São Paulo: RCS Editora, 2007.
- CLARO, P. B. O.; CLARO, D. P.; AMÂNCIO, R. Entendendo o conceito de sustentabilidade nas organizações. **Revista de Administração (FEA-USP)**. V. 43, n. 4, p.289-300. 2008.
- CNUMAD – Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Agenda 21 Global**. 1992. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/sitio/index.php?ido=conteudo.monta&idEstrutura=18&idConteudo=575&idMenu=9065>>. Acesso em: jul. 2012.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3a. Ed. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2010.
- DE COCK, C.; BAKER, M.; VOLKMANN, C. *Financial fantasmagoria: corporate image-work in times of crisis*. **Organization**. V. 18, n. 2, p. 153-172. 2011.
- EAGLETON, T. **Marx**. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.
- \_\_\_\_\_. *In Praise of Marx*. 2011. Disponível em: <http://chronicle.com/article/In-Praise-of-Marx/127027/>. Acesso em: mai. 2012.
- ELKINGTON, J. **Canibais com garfo e faca**. São Paulo: Makroon Books, 2001.
- FERGUS, A. H. T.; ROWNEY, J. I. A. *Sustainable Development: Lost: Meaning and Opportunity?* **Journal of Business Ethics**. V. 60, p.17-27. 2005.
- FOLADORI, G. *Por uma sustentabilidade alternativa*. Uruguai: Colección Cabichui, 2005.
- FOSTER, J. B.; MAGDOFF, F. *The great financial crisis – three years on*. **Monthly Review**. 2011.
- GALLON, A. V.; SOUZA, F. C.; ROVER, S.; VAN BELLEN, H. M. **Produção científica e perspectivas teóricas da área ambiental: Um levantamento a partir de artigos publicados em congressos e periódicos nacionais da área de contabilidade e administração**. In Anais... Congresso USP de Controladoria e Contabilidade. São Paulo: USP, 2007.
- HOPWOOD, B.; MELLOR, M.; O'BRIEN, G. *Sustainable Development: Mapping Different Approaches*. **Sustainable Development**. (13), 2005.
- HAWKEN, P.; LOVINS, A. e LOVINS, H. *Natural Capitalism: creating the next industrial revolution*. Little Brown – USA, 1999. Disponível em: <http://www.natcap.org/>. Acesso em: jul. 2012.
- JUNQUEIRA, L. A. P.; MAIOR, J. S.; PINHEIRO, F. P. Sustentabilidade: A produção científica brasileira entre os anos de 2000 e 2009. **Revista de Gestão Social e Ambiental – RGSA**. V. 5, n.3. 2011.
- LÉLÉ, S. M. *Sustainable Development" A Critical Review*. **World Development**. V. 19, No. 6, p. 607-621. 1991.
- MACHADO JR., C.; SOUZA, M. T. S.; RIBEIRO, H. C. M. **A contribuição dos 15 anos do SIMPOI ao estudo as sustentabilidade ambiental: Um estudo bibliométrico**. In Anais... XV Simpósio de Administração da Produção, Logísticas e Operações Internacionais – SIMPOI. São Paulo: FGV, 2012.
- MANDEL, E. *O lugar do marxismo na história*. São Paulo: Xamã, 2001.
- MARX, K. Existência e consciência. In: IANNI, Octavio (Org.) *Sociologia*. p. 145-180. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1980.

NASCIMENTO, E. P. Trajetória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico. **Revista de Estudos Avançados**. V. 26, n.74. 2012.

NORTON, B. G. *Ethics and sustainable development: an adaptive approach to environmental choice*. In: ATKINSON, G.; DIETZ, S.; NEUMAYER, E. (editors). **Handbook of Sustainable Development**. Edward Elgar Publishing, 2007.

OLIVEIRA, L. R.; MARTINS, E. F.; LIMA, G. B. A. Evolução do conceito de sustentabilidade: Um ensaio bibliométrico. **Relatórios de Pesquisa em Engenharia da Produção**. V. 10, n.4. 2010.

ONARAN, Ö. *The crisis of capitalism in Europe, West and East*. **Monthly Review**. 2010.

PEREIRA, G. M. C.; YEN-TSANG, C.; MANZINI, R. B.; ALMEIDA, N. V.

Sustentabilidade Socioambiental: Um estudo bibliométrico da evolução do conceito na área de gestão de operações. **Produção**. 2011.

PROTHERO, A.; FITCHETT, J. A. *Greening Capitalism: opportunities for a green commodity*. **Journal of Macromarketing**. V. 20. 2000.

RIBEIRO, H. C. M.; CORRÊA, R. **Marketing Verde: Uma análise bibliométrica e sociométrica dos últimos 20 anos**. In Anais... XV Simpósio de Administração da Produção, Logísticas e Operações Internacionais – SIMPOI. São Paulo: FGV, 2012.

SACHS, I. **Rumo à ecossocioeconomia: Teoria e prática do desenvolvimento**. São Paulo: Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SILVA, M. E.; COSTA, A. C. V.; GÓMEZ, C. R. P. Sustentabilidade no Terceiro Setor: O desafio de harmonizar as dimensões da sustentabilidade em uma ONG. **Revista Reuna (Belo Horizonte)**. V.16, n.3., p. 75-92. 2011.

SILVA, M. Z.; DANI, A. C.; BEUREN, I. M.; KLOEPPPEL, N. R. **Características bibliométricas e sociométricas de publicações da área ambiental em congressos e periódicos nacionais**. In Anais... XIII Encontro Nacional de Gestão Empresarial e Meio Ambiente – ENGEMA. São Paulo: FGV, 2011.

SMITH, N. Nature as accumulation strategy. *Socialist Register*, v. 43, 2007.

VAN BELLEN, H. M. **Indicadores de Sustentabilidade: Uma análise comparativa**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VANDEPITTE, M. *Crisis del capitalismo*. 2011. **Rebelión**. Disponível em: <http://www.rebelion.org/noticia.php?id=121086> Acesso em: mai. 2012.

VARANDAS JR., A.; MIGUEL, P. A. C.; CARVALHO, M. M. **Análise bibliométrica da literatura sobre os conceitos de Product Life Cycle Management, Product Development Process e Sustentabilidade e suas interfaces**. In Anais... III International Workshop *Advances in Cleaner Production*. São Paulo. 2011.

VEIGA, J. E. **Sustentabilidade: a legitimação de um novo valor**. São Paulo: Senac, 2010.

VELTER, A. L.; BATTISTELLA, L. F.; GROHMANN, M. Z.; CARPES, A. M. **O estudo da sustentabilidade na Administração: Um levantamento dos “hot topics” publicados na última década**. In Anais... XIII Seminários de Administração – SemeAd. São Paulo: USP, 2010.

WCED – *World Commission on Environment and Development. Report Our common future*. Genebra, 1987. Disponível em: <<http://www.un-documents.net/wced-ocf.htm>>. Acesso em: jan. 2012.